

ODDS AGAINST TOMORROW / 1959

(Homens no Escuro)

um filme de Robert Wise

Realização: Robert Wise / **Argumento:** John O. Killens, segundo o romance homónimo de William P. McGivern / **Fotografia:** Joseph Brun / **Montagem:** Dede Allan / **Música:** John Lewis / **Intérpretes:** Harry Belafonte (Johnny Ingram), Robert Ryan (Earle Slater), Shelley Winters (Lorry), Ed Begley (Dave Burke), Gloria Grahame (Helen), Will Kuluva (Bacco), Kim Hamilton (Edie Ingram), Mae Barnes (Annie), Richard Bright (Coco), Carmen De Lavallade (Kittie), Lew Gallo (Moriarty), Lois Thorne (Ruth Ingram), Wayne Rogers (soldado no bar), Zohra Lampert (rapariga no bar), Allen Nourse (chefe de polícia).

Produção: Harry Belafonte (Harbel), para a United Artists / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 95 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em Outubro de 1959 / **Estreia em Portugal:** São Jorge, em 7 de Fevereiro de 1962.

Se Robert Wise é mais lembrado por **The Sound of Music**, que lhe deu um Óscar para a melhor realização, e também pela direcção (a medias com Jerome Robbins) de **West Side Story** (outra estatueta para a sua colecção), não é nestes filmes que se poderá encontrar um “toque” mais pessoal, correspondendo ambos à eficácia de uma “máquina” perfeita, conhecedora de tudo o que tem a ver com a construção de um filme. É nalguns trabalhos que lhe são anteriores que esse toque se detecta, e não vale a pena procurá-lo em qualquer dos filmes que fez a partir de **The Sound of Music**. Um dos que merecem particular atenção é o que vamos ver, imediatamente anterior a **West Side Story**. Entre este e **The Sound of Music** encontramos os seus últimos filmes interessantes, **Two for the Seesaw/Baloço Para Dois** e principalmente o magnífico **The Haunting/A Casa Maldita**.

Mais do que qualquer outro dos seus filmes desta fase, **Odds Against Tomorrow** é o que melhor evoca o Robert Wise dos tempos da RKO e de Val Lewton, que culmina em **The Set Up**. Os mesmos personagens crispados, a mesma atmosfera de uma violência latente, que de repente explode de forma quase irracional, o mesmo estilo de filmagens, com tomadas de vista insólitas, ângulos estranhos, a exploração da profundidade de campo que revelam as influências de Orson Welles com quem trabalhou no começo da sua carreira (na montagem, e não só, de **The Magnificent Ambersons**). Neste último caso repare-se na forma como essa profundidade de campo é explorada em cenas como o interior do apartamento de Slater (Robert Ryan) e Lorry (Shelley Winters) que, na despedida, dá uma impressão de distanciação que parece sugerir um adeus, ou na cena do bar onde Slater acaba por lutar com um soldado, com este e o grupo de amigos ao fundo e Slater quase em grande plano. Tanto nos retratos psicológicos como no estilo **Odds Against Tomorrow** está próximo de outro thriller “negro” que Robert Wise dirigiu em 1947, **Born To Kill**, onde a personagem de

Lawrence Tierney, o gangster psicopata, anuncia a de Robert Ryan. Ambos os filmes se podem incluir na "escola" do "filme negro", mas com algumas diferenças, que se destacam pelos retratos mais "físicos" do que "psicológicos", com as personagens reagindo perante as acções imediatas, de forma instintiva, sem qualquer "reflexão". É este tipo de comportamento que destrói o plano do assalto, em particular da parte de Slater, incapaz de superar, mesmo que temporariamente, por necessidade de um trabalho em comum (estamos muito longe das personagens de Hawks, por exemplo), a desconfiança ou o ódio por qualquer dos parceiros. As personagens destes filmes de Wise, por este tipo de comportamento alinham-se mais do lado das de um Robert Aldrich. E não deixa de ser curioso como o final de **Odds Against Tomorrow**, pelas suas características niilistas se aproxima do de **Kiss Me Deadly/O Beijo Fatal**, do outro realizador, muito mais do que aquele que mais facilmente evoca, com as explosões dos reservatórios de gás, o de **White Heat/Fúria Sanguinária**, de Raoul Walsh. Aliás Wise poderia bem evitar a tirada moralista final (sobre a impossibilidade de distinguir entre os dois corpos calcinados qual é o branco e qual é o negro), pois tudo se subentende, ficando-se com a manifestação apocalíptica do fim daqueles filmes que, no seu caso é também a da destruição mútua pelo ódio.

Odds Against Tomorrow adapta uma novela de um escritor de thrillers muito popular na altura e muito requestado por Hollywood na década de 50 e pela televisão nas seguintes. A adaptação de Wise é a última de uma série de cinco que começou em 1953 com **The Big Heat/Corrupção** por Fritz Lang, a que se seguiram **Shield for Murder/O Homem Que Destruiu a Alma** de Howard Koch e Edmond O'Brien, **Rogue Cop/Pecado e Redenção** de Roy Rowland e **Hell on Frisco Bay/Inferno em San Francisco** de Frank Tuttle. Tema recorrente nos seus livros e nos filmes: o polícia corrupto. Em **Odds Against Tomorrow** encontramos uma dessas figuras na personagem de Dave Burke (Ed Beagley), apostado em vingar-se da sua expulsão da corporação, organizando o assalto ao banco. Talvez que a falha mais evidente da intriga seja a inclusão da personagem do negro que surge como "necessária" para justificar a "mensagem" final do filme sobre a intolerância racial, numa altura em que a minoria afro-americana começava o combate pelos seus direitos. Dramaticamente a personagem de Ingram (Harry Belafonte) vai servir para activar o ódio racial de Slater que no plano de abertura parece anunciar outro carácter, mas que se subentende pelas palavras que diz à garota negra na rua. O filme inclui-se, assim, também na linha de muitos outros filmes de "denúncia" que então se faziam como o retórico e grandiloquente **The Defiant Ones/Os Audaciosos** que Stanley Kramer (especialista dos "filmes com mensagem") fizera no ano anterior. Aliás, o filme é produzido pela companhia Harbel, que Harry Belafonte criara nesse mesmo ano. Apesar destes limites que datam o filme, **Odds Against Tomorrow** é ainda um notável filme "negro" (um dos últimos representantes do género), com um admirável trabalho de Joseph Brun na fotografia a preto e branco com os belíssimos exteriores da pequena cidade costeira onde o assalto vai ter lugar, e o sentido de fatalidade que percorre todo o filme e termina com o leiteiro "Dead End" (beco sem saída) que se refere ao destino das personagens, que Saul Bass usará também no final do genérico de **West Side Story**. Sem falar da excelência dos actores, a começar pelo magnífico Robert Ryan retomando a sua personagem de **Crossfire/Encruzilhada**, de Edward Dmytryk, até à curta (infelizmente) aparição de Gloria Grahame.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico